

A Constituinte que não queremos

Pág. 3

Os bancos quebram e o povo paga

Pág. 2

PT BOLETIM NACIONAL

DEZEMBRO DE 1985 — Nº 15

ÓRGÃO DA COMISSÃO
EXECUTIVA NACIONAL DO
PARTIDO DOS TRABALHADORES

Cr\$ 1.000,00

Quem são os culpados pela volta de Jânio

Acusam o PT de não saber quem é o seu inimigo principal.

Acusam o PT de braço auxiliar do janismo.

Desde o nascimento do PT, o PMDB e os partidos comunistas PC, PC do B e MR8, adotaram alianças com a direita como o eixo preferencial de sua ação. Passaram a se aliar sistematicamente com a direita em eleições sindicais para derrotar os petistas. E muitas vezes conseguiram. Aliaram-se aos "Joaquinzões" do peleguismo para derrotar a CUT. Qualquer aliança era sempre melhor do que uma aliança com o PT. Porque o PT era o inimigo principal.

Essa aliança com a direita ergue-se até o topo do poder, pois o que é aliança dita "democrática" senão uma grande frente burguesa que põe o populismo do PMDB a serviço dos banqueiros do PFL? E quem é o líder dessa aliança senão o próprio candidato derrotado do PMDB em São Paulo, que acusou o PT de não saber quem é o inimigo principal? Sentam-se à mesma mesa com Setubal e Aureliano em Brasília, os grandes mentores do janismo, e acusam o PT de não saber quem é o inimigo principal.

Afastam-se das lutas populares, porque precisam defender governadores que não cumpriram suas promessas eleitorais e um governo federal que continua pagando em dia os juros da dívida. E se queixam, dizendo que o PT não sabe quem é o inimigo principal.

Mas o PT sempre soube quem é o inimigo principal. E por isso lutou com unhas e dentes pela eleição em dois turnos — que impediria a subida de um janismo minoritário.

E quem derrotou a eleição em dois turnos? Peemedebistas ausentaram-se do plenário para não dar quorum. Dos poucos que ficaram, alguns votaram contra e duas vezes, "tocando piano". Usaram de tudo, até a fraude para abrir o caminho ao janismo. O PT exigiu a anulação da votação. Quem indeferiu? O próprio presidente do PMDB, deputado Ulisses Guimarães. Com isso ele derrotou Fernando Henrique em São Paulo. E onde estava o próprio Fernando Henrique, líder no Congresso, no momento da votação? Por que não liderou a aprovação dos dois turnos, se sabia quem era o inimigo principal?

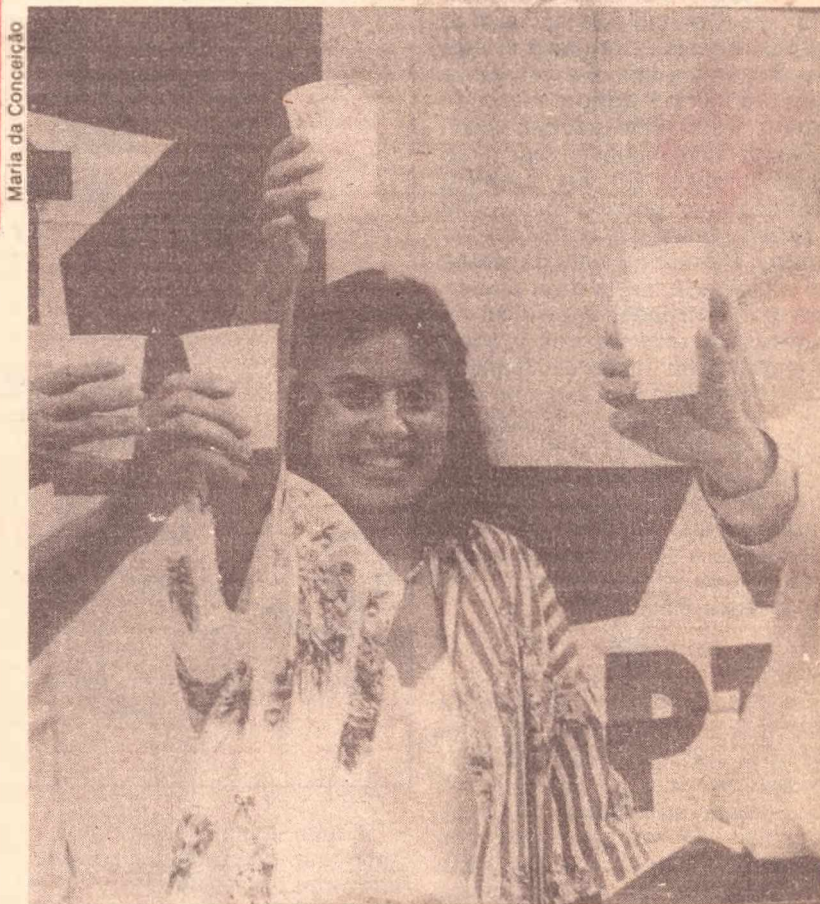
Derrotado pela fraude peemedebista no Congresso, o PT foi aos tribunais pelos dois turnos. Mas nada conseguiu.

Em São Paulo, o PMDB nunca propôs uma aliança com o PT. Ao contrário, fez de tudo para atrair o apoio dos banqueiros do PFL, e lamentou não ter conseguido todo esse apoio. Queriam derrotar a direita com o apoio da própria direita?

Queriam derrotar o PT.

Felizmente o PT saiu robustecido dessa eleição. Porque hoje todos percebem que somente um PT forte pode barrar os avanços da direita. Porque o PT e a direita são inconciliáveis.

Bernardo Kucinski



Mulher, nordestina, separada, e ainda por cima petista. É Maria Luiza Fontenelle, a prefeita eleita do povo de Fortaleza.

O SUSTO DA BURGUESIA

O PT cresceu e mudou. Tornou-se um partido nacional e um partido de massa. Tornou-se uma alternativa para o poder. O primeiro vislumbre de alternativa de poder popular em muitas décadas.

A burguesia tomou um susto. A vitória do PT pôs fim à tática dos panos quentes, à política de

prometer muito e não fazer nada que vem transferindo todo o fruto do nosso trabalho aos cofres dos banqueiros. Como a crise é grave e prolongada o PT deverá crescer ainda mais — desde que saibamos tirar da vitória os mesmos ensinamentos que tiramos das derrotas. (O balanço das eleições — págs. 6, 7, 8 e 9)

OS BANCOS QUEBRAM E O POVO PAGA

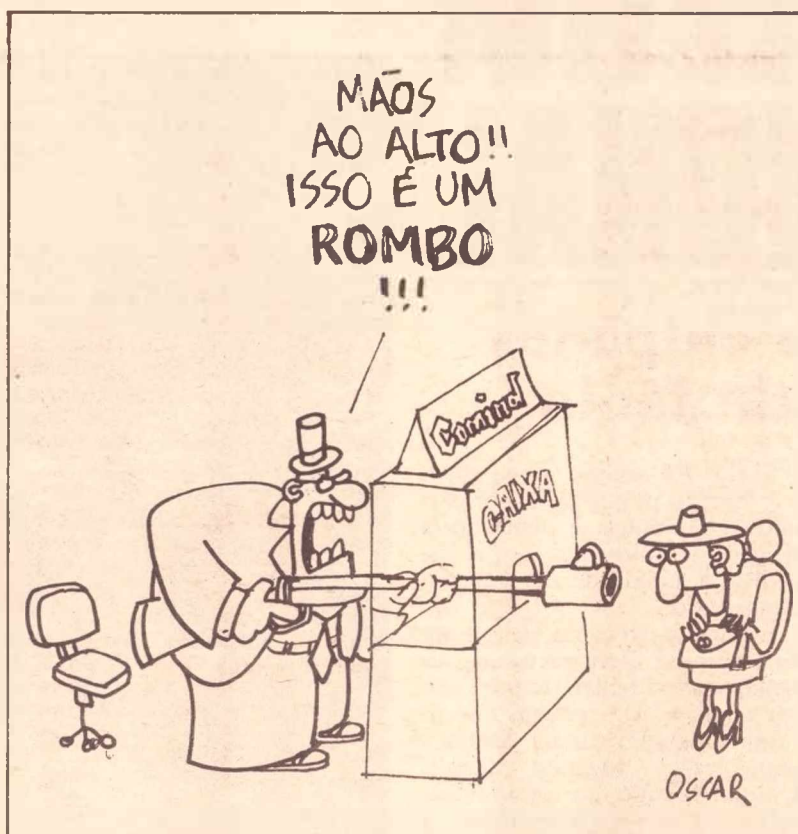
A falência de mais três bancos coloca na ordem do dia a proposta de estatização do sistema financeiro, do programa econômico do PT.

I
A falácia de que o capitalista privado é um bom administrador está cada vez mais desmoralizada no Brasil. E isso graças aos desastres seguidos no setor que constitui exatamente o coração do capitalismo contemporâneo, ou seja, o setor financeiro. A recente quebra dos bancos Comind, Auxiliar e Maisonnave engrossa uma lista de desastres na área que já envolve cerca de 130 instituições em regime de liquidação, acumulando um rombo da ordem de Cr\$ 30 trilhões.

II
Apenas o dinheiro "emprestado" ao Comind-Auxiliar e Maisonnave pelas autoridades da Nova República atinge a fantástica soma de Cr\$ 3 trilhões — sendo que Cr\$ 800 bilhões foram entregues de mão beijada, sem qualquer garantia. Ou seja, dinheiro público que provavelmente não voltará jamais aos cofres do Tesouro. Para se ter uma dimensão dessa sangria, basta dizer que esses Cr\$ 3 trilhões equivalem ao dobro dos recursos que a Nova República vai liberar em 1986 para o Programa de Cestas Básicas de Suplementação Alimentar, que deve beneficiar 11 milhões de crianças até três anos. Quer dizer, três famílias receberam nos últimos 5 meses, o dobro do que será destinado a 11 milhões de crianças ao longo de todo um ano... Viva a Nova República!

III
A família Bonfiglioli, dona do Auxiliar, tem propriedades e negócios que poderiam perfeitamente cobrir o rombo deixado pelo banco no mercado. Os Bonfigliolis são proprietários, por exemplo, do complexo Cica que só em 1984 proporcionou-lhes uma receita superior a US\$ 231 milhões. Além disso, detêm inúmeros imóveis — edifícios inteiros no centro de São Paulo — que se vendidos cobririam todos os prejuízos gerados pelo banco. O governo da Nova República, porém, preferiu "poupar" perdas maiores à "Corporação Bonfiglioli", que rapidinho pediu a concordata de algumas de suas empresas para evitar as pressões dos credores e fornecedores.

IV
A crise financeira recoloca na ordem do dia um debate importante levantado pelo PT no seu Programa Econômico, de 1983. Nessa plataforma — que precisa ser aprofundada agora, tendo em vista as eleições constituintes e mesmo uma eventual campanha pelas Diretas em 1986 — o PT defende a estatização do sistema bancário brasileiro.



Existem alguns dados importantes que precisam ser considerados nessa discussão:

1. O primeiro é o processo acelerado de concentração do sistema bancário, que deve se aprofundar na atual crise. Em 1951, por exemplo, existiam 404 bancos do Brasil. Em 1980 eram 111. Atualmente são 105. Desse total, 51 são estatais.

2. Os bancos estatais são responsáveis por 54,1% do total dos empréstimos comerciais concedidos pelo sistema financeiro;

3. Dos depósitos a vista recebidos pelos bancos, cerca de 50% são controlados pelo governo. É o Estado ainda que define o montante de recursos destinados à agricultura, à indústria etc. O Banco Central têm controle total

sobre a vida dos bancos. Foi, portanto, e continua sendo conivente com as mazelas que têm picado no setor.

Parece claro, assim, que a estatização do crédito no País caminha já a passos largos. Mas nem por isso os recursos da economia são canalizados para projetos, setores e atividades que beneficiem de fato os trabalhadores. Logo, a estatização dos bancos por si só não resolve o problema, pois o Banco do Brasil age muito parecido com o Bradesco. É preciso, desse modo, encontrar formas de controle da sociedade sobre a atividade bancária.

V
A estatização, de qualquer forma, é um requisito para que se possam submeter os recursos da economia ao controle da população. Vejamos o porquê:

1. O grande filé do mercado financeiro é a poupança. É um dinheiro que custa barato aos banqueiros, pois só rende 6% de juros aos depositantes; goza de inúmeras isenções fiscais; não é submetido a transferências compulsórias para os cofres públicos e — mais importante ainda — do total dos depósitos em poupança, o banco pode aplicar 25% onde bem entender e cobrando quanto quiser de juros. Quer dizer, obtendo uma rentabilidade bem superior aos juros de 6% pagos aos aplicadores.

2. Não é a toa que a grande guerra que se trava atualmente no setor bancário gira em torno da captação de poupança. Quase 59% dos depósitos conquistados pelo Bradesco, por exemplo, vêm da poupança. No caso do Itaú são mais de 40% do total. Na média, mais de 50% de toda a poupança existente no País — são cerca de Cr\$ 130 trilhões — estão nas mãos dos bancos privados. Importantes bancos estatais como o Banco do Brasil por exemplo, estão proibidos por lei de entrar no mercado de poupança, deixando-o assim para o banqueiro tranquilo dos Amadores Aguiar e Olavos Setúbal.

3. Permitir que os bancos privados manipulem a seu bel prazer os seus recursos de poupança disponíveis na economia constitui sem dúvida uma aberração. O Brasil é um País pobre que não pode se dar ao luxo desses desperdícios. Até porque, não tem mais crédito no exterior e ainda é obrigado a enviar para fora, anualmente, cerca de 5% de seu PIB para pagar os juros da dívida. O monopólio estatal da poupança, portanto, é uma bandeira inadiável dos trabalhadores. E isso implica numa quase inevitável estatização dos bancos.

Desaparecidos nunca mais

Entidades representando familiares de desaparecidos de 14 países da América Latina reuniram-se em Montevideu no mês passado e decidiram ampliar suas formas de luta, ligando-se, sem perda da identidade, às demais lutas populares em curso em cada país. Decidiram, por exemplo, que devem assumir a defesa de militantes de movimentos populares, sempre que forem presos, pois foi dessa forma, na verdade, que começaram quase todos os desapareci-

mentos passados, e que estão ocorrendo os desaparecimentos no presente. A partir deste VI Congresso o Brasil passa a fazer parte, desse movimento, organizado como Federação Latinoamericana de Associações de Familiares de Presos Desaparecidos — FE-DEFAM.

Fernanda Coelho

Membro do CBS — Comitê Brasileiro de Solidariedade aos Povos da América Latina

O último recuo da Nova República

A reforma da reforma agrária

O governo Sarney montou uma verdadeira encenação para dar credibilidade ao Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) anunciado no IV Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais no dia 27 de maio deste ano. O Plano então apresentado, mesmo tímido e limitado, tinha o mérito de descongelar a questão agrária e Permitir o início de um processo de desapropriação de latifúndios e assentamento de trabalhadores sem-terra que poderia levar à reforma agrária.

A encenação murchou, porém, assim que os latifundiários desencadearam sua campanha contra o plano. Sarney primeiro dilatou os prazos de discussão da proposta governamental, depois prometeu não tocar nos latifúndios improdutivos e ameaçou os trabalhadores rurais que tentassem ocupar terras não utilizadas e, finalmente, assinou um decreto que nada tem de parecido a uma reforma agrária.

O governo continua, mesmo assim, a reiterar sua disposição de realizar a reforma agrária, assentando um milhão e 400 mil trabalhadores até 1989. O conteúdo de seu decreto de reforma agrária, contudo, engana pouca

gente. A CNBB, que apoiara o PNRA, considerou o decreto "um recuo". Na mesma linha se posicionou a Contag e a maior parte das federações e sindicatos de trabalhadores rurais. A Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de São Paulo — Fetaesp foi uma das mais enfáticas e chamou o novo plano de "plano Denorex parece que é Reforma Agrária, mas não é".

As diversas entidades civis que apoiam a luta pela reforma agrária também manifestaram abertamente seu desagrado. ABRA, CUT, CPT e outras organizações estranharam que a desapropriação por interesse social fosse substituída pela colonização e pelo emprego maciço de parceiros e arrendatários como instrumentos principais da Reforma Agrária governamental. E o movimento dos Trabalhadores Sem Terra, desconsolado com o ato do governo, promete fazer a Reforma Agrária com as próprias mãos. No Rio Grande do Sul, cerca de 10 mil pessoas ocuparam um latifúndio improdutivo em Sarandi, enquanto no Maranhão, Ceará, Espírito Santo, São Paulo e Paraná realizam-se acampamentos e ocupações em diferentes pontos.

O decreto de 10 de outubro fixando as diretrizes para o Plano Nacional de Reforma Agrária marca um dos maiores recuos no quadro geral de retrocessos que caracteriza a Nova República e suas promessas não cumpridas.

O decreto anti-reforma assinado por Sarney teve outros desdobramentos. José Gomes da Silva, conhecido batalhador pela Reforma Agrária, que ocupava a presidência do Incra, pediu demissão, enquanto os latifundiários, muito contentes, movimentavam-se para substituir toda a equipe pró-Reforma que fora levada por José Gomes para implementar a reforma agrária.

Não há dúvida que os latifundiários obtiveram uma vitória. Entre outras coisas porque a campanha de apoio à reforma não chegou a se transformar num verdadeiro movimento de pressão popular nas cidades e o movimento dos trabalhadores rurais continuou mostrando-se disperso desunido e isolado. Essa situação, porém, pode ser revertida.

Os latifundiários, agora com o apoio explícito da Nova República, não ofereceram aos trabalhadores nada além da parceria e do arrendamento, formas de super-exploração há muito conhecidas e sofridas pelos sem terra. Ou a colonização na Amazônia, cujos resultados têm sido na verdade a abertura das matas para a implantação dos grandes latifúndios capitalistas.

Nessas condições, a estrutura da produção não sofrerá mudanças e a produção de alimentos continuará escassa e pressionando os preços. Os latifundiários também nada têm a oferecer, assim, à população urbana. A questão agrária continuará crítica, impondo à sociedade uma série enorme de distorções e problemas. Existem, pois, as condições para continuar o processo de mobilização pela reforma.

Evidentemente, a pujança dessa mobilização depende, antes de tudo, da própria luta dos trabalhadores rurais e da unidade de ação de seu movimento. Se as forças acumuladas dos camponeses nesta fase se expressarem em ações vigorosas, de resistência à ação dos jagunços e pistoleiros e de pressão sobre o governo pelas desapropriações e assentamentos, os trabalhadores das cidades e as camadas médias terão uma motivação a mais para mobilizar-se em apoio a essas ações e para conscientizar-se dos benefícios que a Reforma Agrária lhes trará.

Wladimir Pomar

A Constituinte que não queremos

A convocação da Constituinte Congressual aprovada pelo Congresso Nacional com base na emenda Sarney e recauchutada pelo substitutivo Valmor Giavarina mantém as atuais regras eleitorais, não revoga nenhuma lei de exceção e junta a eleição de deputados e senadores constituintes com as eleições de governadores. Juntamente com esse ato convocatório foi aprovada uma lei de anistia que mantém a impunidade dos torturadores, não garante a reintegração dos civis anistiados (porque fica a critério da administração pública reintegrá-los ou não) e deixa de fora os militares cassados de baixa patente. Mesmo os militares anistiados não receberão os seus atrasados nem voltarão a ativa.

A maioria do Congresso Nacional rejeitou as emendas de Constituinte Exclusiva, a anistia ampla, geral e irrestrita e a proposta de plebiscito através do qual a população se pronunciaria a favor de uma Constituinte Exclusiva ou Congressual.

Com a retirada da expressão "sem prejuízo de suas atribuições constitucionais" do texto original de Convocação da Constituinte, ficaremos

A aprovação da Constituinte congressual representou uma vitória apenas parcial do governo, pois foi obtida em meio a grande contestação dentro e fora do Congresso, e não repercutiu bem junto à opinião pública.

com um Congresso nacional com poderes constituintes sem Câmara e Senado funcionando paralelamente.

A bancada do PT, juntamente com o PDT e alguns deputados dos demais partidos somaram 58 votos contra a Constituinte Congressual. Principalmente o PT e a liderança do PDT trabalharam, tanto no primeiro quanto no segundo turno da votação, no sentido de obstruir a aprovação dessa "prostituinte" e afirmando a proposta de Assembléia Constituinte livre e soberana, nos termos da emenda da bancada do PT, das oposições da Plenária Democrática Pró-Participação na Constituinte e da proposta de plebiscito apresentada pelo deputado Flávio Bierrenbach.

A proposta de Constituinte do PT ficou conhecida, mas com a sua rejeição, ainda no primeiro turno, nós jogamos toda a força no sentido do

adiamento da aprovação da proposta governamental. Após esgotarmos todas as formas de obstrução, nas comissões técnicas e no plenário, nós nos posicionamos claramente contra a proposta do governo.

Ao longo desse processo denunciámos as irregularidades e o casuismo da Aliança Democrática — como a não votação do substitutivo Bierrenbach, a não existência de pareceres às subemendas à emenda do governo, a fraude na votação do Senado — e ainda, logramos adiar a votação além do prazo esperado pelo governo, desgastando o PMDB e o PFL e dando destaque à atuação do PT.

Em todos esses momentos enfrentamos a pressão dos partidos que apoiam o governo sem nos dobrarmos às chantagens e aos apelos que foram feitos. Durante o segundo turno da votação, quando constatamos

que um senador havia votado sem nem se quer estar em Brasília, a liderança do PMDB na Câmara e no Congresso Nacional fizeram insistentes apelos para que não denunciássemos a fraude pois isso implicaria em grande desgaste para a imagem do Congresso. Não aceitamos tais argumentos e conseguimos anular a votação e transferi-la para o dia seguinte.

A aprovação da Constituinte Congressual representou uma vitória parcial do governo, porém, foi a vitória de uma proposta que não teve repercussão favorável junto à opinião pública e que foi obtida num clima de contestação dentro e fora do Congresso.

Se a disputa esteve tão acirrada no ato convocatório ela será redobrada nos próximos passos: a eleição dos constituintes e a própria elaboração da Constituição. Por isso temos que avançar na mobilização popular, pois as nossas propostas, mesmo derrotadas, nos credenciam como alternativa de oposição à Nova República.

José Genoíno Neto
Deputado Federal

FORTALEZA

A MULHER QUE DERROTOU OS CORONÉIS

Maria Luiza Fontenele, prefeita de Fortaleza. Eleita como candidata do Partido dos Trabalhadores para surpresa geral de "gregos e troianos", inclusive de nós mesmos petistas. Uma vitória cantada por adjetivos que encheram as manchetes dos grandes jornais, rádios e televisões. Virou assunto nacional. Em São Paulo foi recebida com foguetório, flores, aplausos e louvações. Maria chegou à sede Nacional do PT, onde deu entrevista coletiva. Depois, falou para o BOLETIM NACIONAL. E a conversa foi esta:

BN — Você surpreendeu o País, conquistando para o PT a prefeitura de uma capital importante como Fortaleza. Derrotou todos os "coronéis" da política cearense. A sua eleição terá sido também uma derrota da Nova República?

Maria Luiza — Sem dúvida. Não só da Nova República como da Aliança Democrática e dos governos que se fazem passar como oposição.

BN — O PT não têm vereador em Fortaleza. Como é que você vai enfrentar uma Câmara sem qualquer base de apoio partidário?

Maria Luiza — A administração da prefeitura tem como referencial maior o povo, seu processo de organização e um compromisso muito grande de colocá-la a serviço do povo. Acreditamos que os vereadores, em função do recente processo eleitoral e por ser o ano vindouro um ano de eleições para governo de Estado, serão cuidadosos em sua postura, por conta do estilo de administração e das contingências conjunturais de ano eleitoral. Espero esse apoio dos vereadores, não necessariamente desse ou daquele partido, embora que, o líder do PDT já tenha declarado sua total disposição em apoiar a nossa administração.

BN — Você acredita na possibilidade das forças reacionárias no Ceará se unirem para desestabilizar o seu governo?

Maria Luiza — Acho que essas forças estão profundamente divididas, dificultando qualquer possibilidade de aliança. É uma questão que para eles mesmos não está definida e a gente não deve temer, pois não é um fato novo no Estado. Eu sempre fui uma pessoa que tive minhas ações

boicotadas e não tive tanto espaço como outros políticos. Fui cavando esse espaço, construindo um projeto com o povo. E conseguimos derrotar os coronéis, o PMDB e forças ditas de esquerda como o PCB, PCdoB e MR-8. Então a nossa confiança é de que temos todas as condições de realizar uma administração boa e de concretizar esse projeto, sem temer alianças. Isso é, então, uma preocupação muito mais deles de se comporem do que propriamente nossa.

Movimentos e Conselhos Populares

BN — A pedra de toque de sua campanha parece ter sido a ligação da proposta do PT junto aos movimentos operário e popular. Isso seria um recado quanto ao comportamento do PT a nível nacional ou seja: ele não pode estar dissociado dos movimentos mesmo no plano eleitoral-institucional? E o que significa para você realmente os Conselhos Populares?

Maria Luiza — Um dado muito interessante na nossa experiência política é que há determinados momentos em que você tem de ir direto pro confronto. Não há avanço político sem confronto e essa experiência deve ser analisada com mais cuidado e oferecer não só ao conjunto do partido, mas ao conjunto do movimento democrático-operário-popular do País o que é que vem acontecendo no Ceará,



Maria da Conceição

rá, em particular em Fortaleza. Quanto aos Conselhos Populares, o PT vai governar com eles, desde a periferia, através das associações de bairros, de conselhos de bairros ou de qualquer forma de organização, ao nível mais simples da comunidade, passando pelas subprefeituras, conselhos de cada setor, como conselho de educação, de transporte, indo ao nível maior ou seja: o Grande Conselho Popular Permanente de defesa dos interesses de Fortaleza, que terá interferência política na gestão municipal.

Punir a Corrupção

BN — Quais as primeiras medidas que você pretende implementar em Fortaleza?

Maria Luiza — A primeira delas é colocar a nu a atual condição da Prefeitura de Fortaleza, a fim de que todos possam acompanhar e considerar o processo de transformação na administração e também como vamos impedir que a corrupção se dê, abrindo processos e não deixando que a impunidade seja a tônica dessa administração. Quem cometeu crimes contra o povo responderá por eles.

BN — Você já disse antes que a sua campanha cresceu em função da sua participação nos movimentos populares. Nas manifestações grevistas volcê esteve sempre à frente. O PT en-

carnou na prática o espírito desses movimentos. Há quem diga, porém, que, em São Paulo, o partido dirigiu sua campanha para conquistar a classe média correndo o risco de se transformar numa vertente da pequena-burguesia. Você concorda com isso?

Maria Luiza — Em São Paulo temos o grande ABC, que não só deu origem ao PT, mas que também garantiu a vitória de uma prefeitura, e ainda onde as correntes mais fortes do sindicalismo se expressam. Creio, então, que esse risco de o PT se transformar num partido da pequena-burguesia deve ser rechaçado e, mais do que isso, devemos estar atentos para que, em hipótese alguma isso possa vir a acontecer. Mas não vamos nos estreitar. Vejamos o caso de Fortaleza, onde é difícil determinar um setor específico para a nossa vitória. Os trabalhadores, sem dúvida, tiveram um peso político muito grande, assim como as mulheres, os jovens, os movimentos populares da periferia e setores da igreja. Acentue-se também o peso dado pelos intelectuais e artistas que deram um tom muito especial à campanha.

BN — Qual o comportamento que o PT deve ter, a partir do resultado dessas eleições, da experiência de Fortaleza, com relação à Nova República?

Maria Luiza — Avançar no sentido de implementar cada vez mais, não só o processo de organização do partido, mas sabendo que o PT só crescerá na medida de sua inserção no movimento democrático-operário-popular.

Cansada por um dia inteiro de entrevistas, Maria Luiza foi à Câmara Municipal cumprir um dos últimos compromissos previstos para esta sua visita a São Paulo. Foi tão bem recebida pelos petistas, vereadores e deputados do PT quanto pelos funcionários da Câmara presentes no Salão do Café. Sentou-se à mesa junto às vereadoras Luiza Erundina, Irede Cardoso e Tereza Lajolo, esperou cessarem as palmas, tirou os sapatos e, descontraída, iniciou a narração de sua história na política que todos saborearam atentamente e nós aqui transcrevemos em seus aspectos principais:

“Gostaria de falar um pouco da nossa experiência de luta em Fortaleza para que vocês entendam o porquê da minha opção pelo PT e do porquê da vitória. Eu poderia começar esse relato fazendo um retrospecto, tomando como referencial o período anterior a 64, mas seria mais justo começar pelo momento em que criamos no Ceará o movimento feminino pela anistia, o terceiro no Brasil. Eu especificaria algumas condições que permitiram a criação do movimento: existiam algumas pessoas que, ligadas por laços de uma prática política ou de amizade ou por uma situação comum em que foram alvo da repressão, uniram-se num dado momento. Eu chegava no Ceará depois de fazer um curso de pós graduação fora do Brasil e encontrei recém saída da prisão uma companheira de minha terra e amiga de infância, Rosa Fonseca. Ela, sua irmã e seu irmão haviam sido presos num mesmo momento. Ainda encontravam-se presos em Fortaleza Zé Duarte, tido como grande militante por sua firmeza em não se dobrar à repressão, José Genoio Neto, o irmão de Rosa Fonseca e mais outros oito companheiros. Tudo isto, junto ao fato de existir no Ceará a irmã de Frei Tito de Alencar, permitiu que cinco mulheres dessem início a luta pela anistia. Ou seja, nossa ousadia e nossa capacidade de romper com essa estrutura já vem de tempos atrás.

“Não há avanço político sem confronto.”

A partir daí nossa luta foi uma experiência permanente de confronto. Quando iniciávamos esse movimento recebemos um recado da 10ª região militar de que “estavam esperando que as borboletas abrissem as asas para que a repressão pudesse aprontar”. Entendemos então que a nossa tática deveria ser a seguinte: procurar os setores que por sua vivência e por sua própria razão de ser tinham que lutar conosco contra a repressão. Procuramos a igreja e encontramos o apoio de D. Ivo Lorscheider. Procuramos também o MDB e a OAB-CE, isso em novembro de 1975.

Fomos ameaçados de morte mas levamos adiante essa luta, sempre procurando outras formas de apoio. Conseguimos o apoio do jornal “O movimento” e ganhamos solidariedade dentro da universidade. No entanto, percebemos que se a luta permanecesse apenas nesse setor não garantiríamos a vitória. Daí começamos o trabalho junto à periferia de Fortaleza e, embora com certas dificuldades, contando com o apoio da igreja. Essa experiência começou a ganhar

corpo. Quando compreendemos que a luta democrática iria passar no institucional, tivemos condições de detectar a importância do lançamento de minha candidatura como deputada do Estado. Então me candidatei a partir de um referencial oferecido pelo MDB, mas pela luta da anistia aliada aos setores mais consequentes naquele momento.

Nós trouxemos para dentro do MDB esta experiência, ou seja, de de-

PT no sentido de garantir a sobrevivência de um partido que nascia das bases e criava força em São Paulo.

Vocês podem perguntar por que naquela época nós não fizemos a opção pelo PT? Acontece que nossa experiência no PMDB fez história em 16 municípios do Estado cearense. Municípios onde o trabalho do PMDB, através de nossa experiência, teve profunda vinculação com a base. Quixadá, Quixeramobim, Tauá, Cra-



cidir com quem esta organizado dentro da sociedade civil. E mais, garantimos que a autonomia do movimento de massa da sociedade fosse assegurada ao mesmo tempo que nós tentávamos um processo de organização a nível do partido. Dentro do MDB, diante das diferenças de posicionamento político, nossa primeira iniciativa foi criar a Tendência Popular. Desta participaram companheiros que mais tarde fundariam e inclusive seriam parlamentares do PT. Porém, quando num dado momento, por um processo de inibição dentro do PMDB, a Tendência Popular se fez nós criamos em Fortaleza o Comitê Democrático Operário Popular. Com o objetivo de garantir que aquela experiência que vinha sendo feita via tendência popular não se perdesse na geléia geral que era o PMDB.

A opção pelo PT: “era fundamental decidir com os outros”.

Quando o PT foi criado em Fortaleza, nós contribuimos na sua fundação inclusive filiando pessoas. Estivemos presentes quando os companheiros do ABC estavam sendo julgados e participamos do ato promovido pelo

teús, para citar apenas alguns, eram regiões onde o sentimento oposicionista era muito forte e esse tipo de pensamento já estava organizado em termos de PMDB. Então, era uma questão fundamental para nós: decidir com os outros garantindo que esse fosse um processo amplo de análise e não um processo de culpa. E isso fez retardar a minha entrada no PT. Essa experiência foi rica e sabíamos que no momento oportuno ela desembocaria dentro do PT. No entanto, não foi possível ser em outro momento.

Volto a dizer que a característica de nosso trabalho foi o confronto. Nós compreendemos que o avanço da luta, particularmente da classe operária e dos setores assalariados de uma maneira geral, não avança sem o confronto com o governo, os exploradores e a burguesia. Tivemos essa experiência no Ceará e ela é sem dúvida nenhuma a base desta vitória que temos hoje.

Quando nós petistas (e aí eu já era considerada petista no Estado, apesar de ainda pertencer ao PMDB), em quase todo o Brasil, fomos chamados de malufistas, nós em Fortaleza fomos ao aeroporto fazer o enterro do Maluf quando ele veio ao Ceará. Não foram os peemedebistas que diziam combatê-lo. Fomos nós petistas que não aceitávamos a ida ao Colégio

Eleitoral e que rachamos — durante o processo de luta pelas diretas — com aqueles que traíram o povo.

E o confronto não se deu só com o Maluf, mas também com o governo do Estado, que se dizia democrático e lançava para o País todo a figura do homem que havia rompido com os coronéis, mas que mantinha o mesmo aparelho repressivo e a mesma forma de arbítrio daquilo que ele dizia haver rompido. Num mesmo momento desmascaramos Maluf, PMDB e o governo do Estado. Essa prática nos dá hoje uma autoridade e uma segurança muito grande sobre o que a gente vai fazer daqui pra frente.

Nossa opção pela CUT era limpa e clara porque nossa prática foi apoiar a Oposição sindical e não havia como marchar com outras forças a não ser a oposição. Nós achamos que às vezes o sindicalista reformista é mais danoso do que a própria repressão.

No decorrer da campanha enfrentamos quatro greves: a dos professores — que foi belíssima, a dos bancários, a dos funcionários do correio e a dos motoristas e trocadores do transporte coletivo.

Na nossa experiência a gente detectou que às vezes a condição de mulher é algo bom também, ou seja, a polícia tem muita dificuldade de bater em mim! E a gente se aproveitou disso com muita arte: Na chegada de Maluf, quando a polícia avançou em cima do pessoal que estava no aeroporto eu me meti na frente para impedir (o que já tinha dado certo algumas vezes) daí um soldado mais ousado meteu cacete no meu braço. No mesmo momento o pessoal da segurança do palácio do governo ficou desesperado, eu senti que os tenentes ficaram loucos e naquele momento a repressão acabou. E isso valeu também no caso das greves dos motoristas, dos bancários...

A melhor campanha

Durante a greve dos bancários a gente, além de ir para a porta dos bancos para dar apoio, usou o horário gratuito nas rádios e TVs., para dizer ao governador do Estado que ele tinha muita dificuldade em apurar os crimes contra os trabalhadores rurais, mas muito rapidamente mobilizava a polícia para proteger os empresários e a propriedade privada — portanto impedindo a luta dos bancários.

Durante a greve dos motoristas, quando um motorista foi preso e apareceu morto, nós fomos para a televisão e responsabilizamos o Gonzaga Motta pelo assassinato do motorista, dizendo que isso é que era a Nova República e perguntando o que os outros candidatos estavam fazendo? Esse processo é que deu a tônica de nossa campanha. E nós fizemos isso da forma mais correta. Não foi no sentido de ganhar votos, não. Foi no sentido de criar um sentimento cada vez mais forte de oposição contra o arbítrio e a violência.

Textos: Rubens Lemos e Marisa Lourenço

A ESTRELA SO

O QUE AS URNAS FALARAM:

PT, um partido nacional, aberto, de massas.

No exato intervalo de tempo de três anos, o Partido dos Trabalhadores dobrou a sua força eleitoral no País, em números absolutos, e multiplicou o seu peso político, em números relativos.

O PT apresentou candidatos nas Capitais dos 233 Estados e do Território do Amapá (posteriormente, foi impugnada a candidatura em Natal) e em 65 dos Municípios onde haveria eleições. No decorrer da campanha, renunciaram os candidatos de Castilho, no Estado de São Paulo, e de Camaçari e Dias D'Ávila, na Bahia. Assim, ao final, 62 candidatos petistas (23 em Capitais e 39 em outros Municípios) concorreram às urnas. Os resultados de apuração, aqui analisados, foram fornecidos por órgãos do próprio Partido e colhidos em jornais e na Empresa Brasileira de Notícias; são preliminares e sujeitos a correções.

Em 1982, o PT obteve 708.223 votos, tomando-se apenas a votação para vereadores de 23 Capitais, número que equivalia, na época, a 5,9% do total de 11.995.612 votantes. Em 1985, os votos dados aos candidatos do PT a prefeitos em 23 capitais (excluída Natal e incluída Macapá) foram 1.412.568, ou seja, 11,2% sobre o total de 12.604.511 votos dados a todos os partidos mais brandos e nulos. Mesmo levando em conta que se trata de eleições de natureza diferente, a comparação entre 85 e 82 significa um acréscimo de 5,3 pontos, absolutos, ou de 89,8% em relação a 82.

A votação do PT nos outros Municípios, em 85, foi inferior à das Capitais: 74.765 votos, o que equivale a 3,6% dos 2.064.086 votos dados no Interior dos Estados. Mesmo assim, esse número significa um aumento de 125,6% sobre os 33.140 votos obtidos pelo PT

em 82 nas mesmas cidades (com exceção das poucas em que o Partido não concorreu e sim agora, ou vice-versa).

As porcentagens de acréscimo mencionadas referem-se ao conjunto do País. Nesse conjunto, a média das porcentagens das Capitais, em 85, é de 11,4%, que, quando comparada com a média de 82 — que foi de 2,7% — exprime um acréscimo absoluto de 8,7 pontos, ou seja, um aumento de 322,2% em relação àquela eleição.

E, se tomarmos, por exemplo, as dez Capitais em que o PT obteve agora maior votação (e que se situam todas acima dos 5% dos votos dados em cada cidade) verificamos que houve acréscimos significativos e consideravelmente maiores do que os do conjunto. As cidades são a seguir arroladas em ordem decrescente de porcentagem de votos obtidos em 85, e os números diante de cada uma indicam a porcentagem de crescimento: Goiânia, 3.920%; Fortaleza, 3.140%; Vitória, 1.361%; São Paulo, 54,6%; Aracaju, 1.611%; Porto Alegre, 242,4%; Manaus, 909,0%; Belém, 569,2%; Belo Horizonte, 33,3% e Salvador, 168,4%.

Os dados, embora preliminares, e a análise, apesar de superficial, indicam inequivocamente algumas constatações: 1) — o PT, com uma proporção de cinco eleitores para cada filiado, pode ser classificado como um **partido de massas**; 2) — o PT obteve votos da classe operária, da classe média e do campesinato, e com isso se tornou um **partido aberto, popular, democrático**; 3) — o PT é, hoje, um partido de **âmbito nacional**.

Perseu Abramo

TRÊS HISTÓRIAS EXEMPLARES



O PT recorreu. O juiz eleitoral reconheceu publicamente que houve irregularidades, mas considerou ter havido apenas "erro de ingenuidade". Novamente o PT entra com recurso pedindo a anulação do pleito. O TRE julgou, mas indeferiu o recurso. Alegação: a medida judicial impedida pelo PT "deu entrada fora de prazo". O roubo, portanto, é que foi na hora certa.

Rubens Lemos

1 Em Goiânia, a fraude democrática

Nos caminhos da Nova República, o povo brasileiro já enfrentou os cacetetes "democráticos" do governo Montoro. Sentiu cheiro de mortes nas terras maranhenses de Sarney. Assistiu o festim do poder econômico na campanha eleitoral de São Paulo. E viu indignado o PT ser roubado vergonhosamente na eleição de Goiânia, capital da república populista e mercenária de Iris Rezende.

A fraude foi incrível e pode ser recapitulada assim:

Goiânia, 20 horas do dia 15 de novembro: primeiras urnas abertas e o PT dispara na frente com o candidato Darci Acorsi. O povo começa a ir prá's ruas.

Goiânia, 23 horas do mesmo dia: ninguém duvida mais da vitória do Partido dos Trabalhadores, cuja vantagem vem sendo mantida, na média de 1.500 votos. Na II Zona, onde votaram 220 mil eleitores, cresce a maioria pró-PT. Na I Zona, reduto do PMDB, a vantagem é reduzida para Daniel Antonio. Eram 1,30 da madrugada: Iris Rezende vai para a TV Anhaguera e reconhece a derrota do seu candidato. O PT comemora nas ruas e nos bares. Iris Rezende telefona para Sarney, e comunica a derrota.

O roubo — Mas o roubo já começara. Um fotógrafo documenta gente de Iris Rezende trocando cédulas em urnas no meio da rua. Mapas oficiais são divulgados sem assinatura dos mesários. Eleitores denunciam inúmeras irregularidades. Uma delas: um velho de 80 anos foi votar. Surpresa: já tinham votado no lugar dele. Estranhamente, o TRE resolve suspender a apuração na II Zona. Alegação: cansaço do pessoal. Mas não fez o mesmo nas outras três zonas eleitorais. Amanhece o dia: Iris Rezende volta à televisão e comunica enfático: "O PMDB reagiu e vai ganhar a eleição por 10 mil votos, mais ou menos". Não deu outra: O PT foi roubado e Darci Acorsi perde a vantagem. A diferença em favor do PMDB foi de pouco mais de 10 mil votos, conforme "previra" o populista Rezende.



2 Em Vitória, a penetração da mensagem política

Não foi sem motivo que o governador Gerson Camata mostrava-se apreensivo ao percorrer as Seções Eleitorais no dia 15/11. Aliás, dois dias antes o PMDB dispunha de uma pesquisa que nos colocava a apenas dois pontos do candidato do PMDB. Depois do resultado das urnas em que PT ficou em segundo, superando o PDS, o clima na capital capixaba era de vitória.

Hoje ninguém tem dúvidas que o PT é a nova força política nacional e as eleições de 86 passam obrigatoriamente pelo crivo do nosso Partido. A tal ponto que ilustres figuras da política do ES começam a falar em coligações com o PT, como é o caso de alguns Secretários de Estado, de parlamentares do PMDB, além do ex-governador Elcio Alves (PFL).

Mas o PT não tem pressa. Vai aos poucos aumentando o número de filiados e militantes, criando diretórios no interior, enfim, fortalecendo e consolidando suas bases. É um Partido que se constrói de baixo para cima, é o Partido do futuro, da mudança, da sociedade socialista. Espera para crer.

Fazendo uso da propaganda gratuita com muito talento e criatividade, o PT em Vitória conseguiu atrair a atenção das camadas mais politizadas da população, assustando o PMDB. Sua mensagem simples e objetiva teve fácil penetração na classe média, em especial no seio da

DBE

RES

ventude. O PT demonstrou que o processo de democratização do País passa pela divisão do poder local com todas as forças políticas que se identificam com as nossas propostas de participação popular efetiva. Aos poucos tornou-se claro e evidente que o PT tem diferenças marcantes em relação aos outros Partidos.

Vitor Buai



3 Em Aracaju, o monopólio da família Franco vai pro brejo

“A vitória da coerência” — com a frase simples, o candidato do PT à Prefeitura de Aracaju, Marcelo Deda, define a participação do partido nas eleições de novembro, ao conseguir, com muito esforço e luta a segunda maior votação (19.898 votos), superando até mesmo a toda poderosa estrutura política e econômica da família Franco, que dominava o estado há 20 anos.

— A campanha atingiu o desejado — garante o candidato a vice-prefeito Luiz Alberto Santos, enquanto Deda arremata: “foram 700 companheiros unidos em torno de uma só proposta; a de levar às ruas e ao povo o programa do PT que, felizmente, foi entendido e que teve a resposta positiva nas urnas”.

Utilizando bem o espaço gratuito no rádio e na televisão (seis minutos por dia), o candidato do PT conseguiu a confiança, do eleitorado até então descrentes nas propostas dos candidatos do PMDB/PFL (Jackson Barreto), Gilton Garcia (PDS) e Nelson Araújo (PL) que preferiram desenvolver suas campanhas centradas em agressões pessoais.

A panfletagem, o trabalho de pichação e o esforço na boca da urna apresentaram-se, ainda, como fatores positivos na conquista do Partido dos Trabalhadores que em relação as eleições de 1982 cresceu em torno de 14 por cento, somente em Aracaju. “A partir de agora é segurar o trabalho e esperar novos avanços nas eleições do próximo ano” — afirma Marcelo Deda, um candidato que soube “casar” a sua habilidade política ao programa do PT.

Eugenio Nascimento

O crescimento do PT

Cidade	Desempenho		Posição 85	Posição de outros partidos
	82 (+)	85		
Altamira (PA)	6,2%	**	**	**
Anápolis (GO)	1%	**	3º	PMDB 1º, PFL 2º e PDT 4º
Angra dos Reis (RJ)	4,7%	**	**	**
Aracaju (SE)	0,8%	15,4%	2º	PMDB 1º e PDS 3º
Araxá (MG)	2,8%	**	**	PFL 1º
Assis Brasil (AC)	11%	**	**	PMDB 1º e PDS 2º
Bagé (RS)	*	3,7%	4º	PDT 1º, PFL/PDS 2º e PMDB 3º
Belém (PA)	1,3%	8,6%	4º	PMDB 1º, PFL 2º, PDT 4º, PTB 5º e PDS 6º
Belo Horizonte (MG)	5,6%	7,5%	3º	PMDB 1º, PFL 2º, PDT 4º, PTB 5º e PDS 6º
Brasília (AC)	11,2%	1,5%	4º	PMDB 1º, PDS 2º e PFL 3º
Campo Grande (MS)	5,6%	7,5%	3º	PMDB 1º, PFL 2º, PDT 4º, PTB 5º e PDS 6º
Canoas (RS)	1,6%	**	3º	PMDB 1º, PDT 2º, PDS 4º, PFL 5º
Capanema (PR)	*	**	3º	PMDB 1º e PDT/PFL 2º
Carangola (MG)	*	**	**	PMDB 1º
Corumbá (MS)	3,6%	8%	4º	**
Cubatão (SP)	9,6%	**	4º	PFL 1º, PMDB 2º, PDC 3º, PDT 5º, PTB 6º e
Cuiabá (MT)	0,2%	2,6%	3º	PMDB 1º e PDS 2º
Curitiba (PR)	0,9%	2,7%	4º	PMDB 1º, PDT/PFL 2º, PDS 3º e PTB 5º
Descanso (SC)	6,4%	6,5%	3º	**
D. Pedrito (RS)	*	4,6%	3º	**
Duque de Caxias (RJ)	2,5	**	**	PDT 1º, PMDB/PFL 2º e PTB 3º
Florianópolis (SC)	0,9%	3,2%	4º	PMDB 1º, PDS/PDT 2º, PFL 3º e PTB 5º
Fortaleza (CE)	0,9%	35%	1º	PMDB 2º, PFL 3º e PTB 4º
Foz do Iguaçu (PR)	*	**	5º	PMDB 1º, PDS 2º, PFL/PTB 3º e PDT 4º
Goiânia (GO)	1%	40,2%	2º	PMDB 1º, PFL 3º, PDS 4º e PDT 5º
Guaíba (PR)	*	**	3º	PMDB 1º e PDS/PFL 2º
Guaraciaba (SC)	*	7%	3º	**
Horizontina (RS)	*	12,4%	3º	PDS 1º e PDT 2º
Itaituba (PA)	*	**	4º	PMDB 1º, PTB 2º e PDS 3º
Itapiranga (SC)	1,2%	9%	3º	**
João Pessoa (PB)	0,9%	3,4%	3º	PMDB 1º, PTB 2º e PDT 4º
Macapá (AP)	*	4,1%	5º	PMDB 1º, PFL 2º, PDT 3º e PDS 4º
Maceió (AL)	*	0,6%	5º	PMDB 1º, PFL 2º, PDT 3º e PTB 4º
Manaus (AM)	1,1%	11,1%	3º	PMDB 1º, PDS 2º e PDT 4º
Oriximiná (PA)	2,8%	**	**	**
Patrocínio (MG)	*	**	4º	PFL 1º, PMDB 2º e PDT 3º
Paulínia (SP)	5,7%	**	5º	PMDB 1º, PDS/PTB 2º, PL 3º, PFL 4º e PDT 6º
Paulo Afonso (BA)	7,5%	15,4%	3º	PMDB 1º e PFL/PTB 2º
Pilão Arcado (BA)	2,4%	**	**	**
Plácido de Castro (AC)	6%	**	4º	PMDB 1º, PDS 2º e PFL 3º
Poços de Caldas (MG)	1,7%	**	**	PMDB 1º
Porto Alegre (RS)	0,03%	11,3%	3º	PDT 1º, PMDB 2º, PDS 4º e PTB 5º
Porto Velho (RO)	0,8%	5,4%	3º	PMDB 1º, PFL 2º, PDT 4º, PDS 5º, PTB 6º
Recife (PE)	0,3%	1,0%	4º	PSB 1º, PMDB 2º e PDT 3º
Remanso (BA)	*	**	**	PDS 1º
Rio Branco (AC)	4%	7,5%	3º	PMDB 1º, PDS 2º e PFL 4º
Rio Grande (RS)	1,2%	6,3%	5º	PDS 1º, PMDB 2º, PDT 3º e PFL 4º
Rio de Janeiro (RJ)	0,03%	0,9%	**	PDT 1º, PFL 2º, PMDB 3º, PSB 4º, PTB 6º e
Salvador (BA)	1,8%	5,1%	4º	PMDB 1º, PTB 2º e PFL 3º
Santarém (PA)	4%	10,2%	3º	PMDB 1º e PDS 2º
São Luís (MA)	1,9%	1,4%	5º	PDS 1º, PFL 2º, PDT 3º, PMDB 4º e PMB 6º
Sena Madureira (AC)	1,4%	**	3º	PMDB 1º e PDS 2º
S. Miguel D'Oeste (SC)	*	6%	4º	**
São Paulo (SP)	12,8%	19,7%	3º	PTB/PFL 1º e PMDB 2º
São Sebastião (SP)	5,8%	3,7%	4º	PMDB 1º, PFL/PTB 2º e PDT 3º
Teixeira de Freitas (BA)	*	**	3º	PMDB/PFL 2º e PDS 1º
Terecina (PI)	0,7%	2,6%	4º	PMDB 1º, PFL 2º, PDS 3º, PDT 5º e PTB 6º
Três Lagoas (MS)	0,9%	4%	4º	**
Uruguaiana (RS)	1,2%	**	5º	PMDB 1º, PDT 2º, PDS 3º, PFL 4º e PTB 6º
Vitória (ES)	1,7%	26,3%	2º	PMDB 1º e PDS 3º
Volta Redonda (RJ)	6,4%	**	3º	PDT 1º, PFL 2º, PMDB 4º, PDS 5º, PSB 6º
Xapuri (AC)	9,2%	10%	3º	PMDB 1º e PDS 2º

+ votos do p/ vereadores

* O P... apresentou candidatos nesse pleito

** Não dispomos de dados suficientes



O Brasil vota à esquerda

Mas as forças conservadoras não estão derrotadas e o novo desafio do PT é o de construir uma alternativa popular com base no apoio e nas adesões recebidas das urnas.

A eleição de Maria Luiza em Fortaleza, os resultados obtidos em Goiânia, Vitória, Aracaju, São Paulo e, em menor medida, mas igualmente significativos, em Porto Alegre, Manaus, Belém ou Belo Horizonte, configuram uma expressiva vitória do PT, que se afirma como partido nacional possuidor de grande vitalidade política.

Contrariamente ao ocorrido em 1982, o Brasil votou à esquerda, premiando, ao lado do PT, àqueles partidos ou facções de partidos que assumiram uma posição combativa na campanha eleitoral. Saturnino, no Rio e Collares, em Porto Alegre, encarnavam, opções de esquerda, da mesma forma que os candidatos do PMDB em Curitiba, Florianópolis ou Curitiba, e, muito especialmente, o nome de Jarbas Vasconcelos, no Recife.

A derrota de Fernando Henrique, acompanhada do grande crescimento do PT em São Paulo, demonstra o fracasso de que chamamos de política de "panos quentes" dentro do PMDB. A respeito do discurso reacionário e anti-comunista de Jânio e do bloco de forças conservadoras que apoiou a candidatura do ex-presidente se beneficiou basicamente de um voto-protesto de setores pouco sensíveis aos chamados históricos contra o "retrocesso". A degradação das condições de vida na periferia de São Paulo, particularmente visível no que as pesquisas chamavam de eleitorado "D" e "E", não permitia falar

em "avanços" da Nova República, em nome dos quais havia que impedir "retrocessos". Jânio Quadros cresceu onde havia pobreza, mas não movimentos sociais organizados. Beneficiou-se do ceticismo em relação à Nova República e da oposição frontal ao governo Montoro. Em seu proveito contou um importante "voto útil" que pesou sobre aqueles que consideravam o PT a melhor opção, mas

O fim do bloco dos "panos quentes"

preferiram o homem da vassoura porque o consideravam mais apto para derrotar o estado de coisas.

A vitória da esquerda fica mais nítida se se tem em conta os magros resultados obtidos pelo PFL em todo o país e a acachapante derrota do PDS, que ficou atrás do Partido dos Trabalhadores a nível nacional. É evidente que as forças conservadoras não estão derrotadas e que a eleição de São Paulo lhes dá uma excelente base de operações a partir da qual podem pensar em retomar a ofensiva.

O PT e outras forças combativas não podem embriagar-se com suas vitórias, deixando de afinar seus instrumentos para as duras batalhas de 1986. A eleição do próximo ano oferece múltiplos desafios que deverão ser corretamente enfrentados. Em primeiro lugar elas se darão em meio à persistência (ou mesmo agravamento) da atual crise econômica e social, o que exigirá não só uma denúncia vigorosa e articulada das vacilações da Nova República, como o oferecimento de um programa de urgência capaz

de articular o conjunto de reivindicações populares que tenderão a aumentar. Em segundo lugar, as eleições poderão realizar-se em meio a uma aguda crise de legitimidade do presidente da República, o que reforçará a campanha para as diretas simultâneas com a Constituinte. A discussão da nova carta é um terceiro desafio. Passada, no fundamental, o debate sobre como será convocada a Assembléia Nacional Constituinte, os trabalhadores têm como eixo de sua atividade definir quais os pontos fundamentais a serem consignados na nova Carta, em termos de conquistas sociais e políticas, capazes de mudar a relação de forças atual. O oferecimento de propostas concretas, massivamente discutidas, tal como ocorreu com nossas plataformas municipais, poderá minorar as consequências da ofensiva de propaganda dos setores conservadores, tornando mais credi-

A crise econômica vai continuar e pode até se agravar

vei nossas plataformas e afastando o "voto útil" de tipo janista sobretudo nas eleições para governadores. Problemas de ordem regional e as próprias indefinições nacionais podem levar a uma inviabilização da Aliança Democrática, afetando, igualmente, as relações de força dos partidos que a compõem.

Há um último, mas nem por isso irrelevante, problema. É o partido?

O PT iniciou a campanha eleitoral de 85 enfrentando várias situações de crise. Muito desigualmente implanta-

Aprendemos com as derrotas, agora vamos aprender com as vitórias

do no país, dividido em vários estados-chave, padecendo de sérios problemas políticos e orgânicos o partido soube na quase totalidade do país recompor-se, formular alternativas credíveis por seu conteúdo e por sua forma, eliminar sua carranca, sem perder sua identidade. Esta operação refletiu uma adesão de novos setores sociais e políticos ao partido e, ao mesmo tempo, a sensibilidade de militantes e dirigentes para as mudanças que se faziam necessárias a fim de que o partido se viabilizasse. Acostumados a aprender com nossas derrotas, devemos agora colher os ensinamentos da vitória. O principal desafio é, sem dúvida, além do aprofundamento de nossas propostas frente aos quadros políticos nacional e regional, o de compatibilizar o PT formal que iniciou a campanha de 85 com tantas dificuldades com o PT real que termina vitorioso o pleito. Como fazer dos novos eleitores e das novas adesões uma base para construir a grande alternativa dos trabalhadores?

Marco Aurelio Garcia

Deixamos de publicar artigo do secretário-geral do PT, Francisco Weffort, analisando as tarefas que se colocam para o partido em função do resultado das eleições, por não ter sido entregue no prazo combinado.

PT se afirma como partido nacional

ANUNCIE NO BOLETIM NACIONAL

Envie o seu anúncio comercial ou pessoal (texto de no máximo 10 linhas) para o BOLETIM NACIONAL do PT — Rua 11 de Junho, 260 CEP 04041 — Vila Clementino — São Paulo — SP. Maiores informações pelos telefones 570 1710 e 571 0614

REFORMA AGRÁRIA, JÁ!



REFORMA AGRÁRIA JÁ!

11 de Junho, 260 — CEP 04041 — São Paulo — SP.

A compreensão de que a Reforma Agrária beneficia toda a sociedade e não só aos trabalhadores rurais é de máxima importância. Não deixe de ler. Maiores informações pelos telefones 570-1710 e 571-0614.

Já foi lançada a cartilha sobre a Reforma Agrária elaborada pelo Grupo de Trabalho de Política Agrária do Diretório Nacional do PT, em conjunto com o departamento de publicações da Associação Brasileira de Reforma Agrária. A cartilha está à venda na sede Nacional — Rua

BOLETIM ESPECIAL



Estamos distribuindo gratuitamente uma edição especial do BOLETIM NACIONAL sobre a Dívida Externa. São 500 mil exemplares que podem ser encontrados nos diretórios ou na sede nacional. Garanta o seu agora!

AGENDA PT — 86 UM PROJETO DIFERENTE

Já está à venda a AGENDA PT — 86, elaborada pela Tesouraria Nacional. Com mais de 340 páginas, uma página por dia, com capa plástica trabalhada e espaços para anotação de compromissos com hora especificada.

Há, também, encartes com fotos, charges, lembretes e textos do PT.

Além desses encartes há, encaixada na agenda, uma caderneta com 20 páginas para endereços e telefones, que poderá ser usada nos próximos anos.

A aquisição da AGENDA PT-86 deverá ser feita pelos diretórios regionais diretamente com a Tesouraria Nacional. Os pedidos devem ser feitos por carta para a rua Santa Terezinha, 35 CEP 90040 — Porto Alegre, RS

REEMBOLSO POSTAL: Os filiados e simpatizantes podem obter diretamente a sua agenda pelo reembolso postal — Rua Santa Terezinha, 35 CEP 90040 — PORTO ALEGRE — RS. Pelo preço de Cr\$ 25.000 cada.



Lula falou mais de uma hora gravada para o Boletim Nacional. Uma entrevista com dimensões de debate.

A conversa de Lula resultou em 13 laudas datilografadas. De eleições, coligações, nucleações, luta política interna, constituinte, socialismo, sucessão governamental até a questão do Poder o presidente petista falou.

Como sempre, sem retoques. Indo firme e claramente ao assunto. A entrevista, então, será apresentada por etapas. E aqui vai a primeira parte.

(Rubens Lemos)

Maria da Conceição



LULA

*PT cresceu e vai crescer mais.
Mas sem inchar.*

BN — O Partido dos Trabalhadores, Lula, sai dessas eleições como um partido realmente nacional. Para você, sinceramente, foi surpresa? A que você atribui ou credita esse crescimento do PT?

LULA — Em primeiro lugar, eu acredito que todos os companheiros que têm uma militância mais assídua dentro do PT, conheciam perfeitamente bem que nós tínhamos uma expectativa muito grande de crescimento do partido. Nós sempre acreditamos e apostamos no crescimento do partido. Obviamente eu acho que muitos de nós não acreditávamos que o partido pudesse crescer tanto, ou seja: ter a desenvoltura que teve em Fortaleza, que teve em Goiânia, que teve no Espírito Santo e que teve em outras cidades como Amazonas e Manaus. Eu acredito que essa desenvoltura do partido, esse crescimento, eu acho que surpreendeu. Eu acredito que muita gente esperava um crescimento comparando com 82. O que era um parâmetro muito negativo para o Partido dos Trabalhadores, onde na maioria das cidades brasileiras nós não fizemos sequer 5% de voto. Então nós tínhamos feito uma discussão e entendíamos que a cidade que chegasse acima de 8% de votos já era um ganho extraordinário para o partido.

— Eu acho que a desenvoltura do partido foi tal que chegamos a ter uma performance a nível nacional de 10,1%.

A coerência

— Eu acredito que o crescimento do PT se deve sobretudo à coerência que o Partido dos Trabalhadores teve nestes últimos anos. Ou seja, o PT embora tenha sido muito criticado pelas analistas políticos nestes últimos anos, foi o partido que disse que a Aliança Democrática não ia resolver o problema da classe trabalhadora; que ela não ia fazer reforma agrária que não ia mudar a política econômica, que não ia ter uma política de ter como ponto principal, dar ao povo brasileiro uma melhoria na sua qualidade de vida. Foi o Partido dos Trabalhadores que disse que o Presi-

dente da República e a nova Aliança democrática não iam fazer uma Constituinte livre, soberana. E mais que isso, fazendo com que o povo percebesse uma linha de coerência no partido, que não faz política de acordo apenas com suas conveniências, mas faz política de acordo com aquilo que é o pensamento da sociedade brasileira.

— E muito mais do que isso, apostando, inclusive em que determinadas posturas mesmo que momentaneamente servem como força de politização da sociedade. E essa coerência fez o PT crescer, fez as pessoas acreditarem no Partido dos Trabalhadores.

Também contribuiu a participação do PT nos movimentos sociais acontecidos nesses dois anos. Inegavelmente o PT sempre teve a maior participação no movimento social, do que aquilo que ele teve no resultado em 82. Então muita gente media a grandeza do PT pelos votos, quando a gente sempre dizia que era preciso medir a grandeza do PT pela sua capacidade de distinguir e participar decisivamente na luta social travada neste país.

E hoje se você quiser ver o movimento de qualquer categoria profissional, você pode ter certeza que o Partido dos Trabalhadores está participando ativamente, tanto das decisões como do encaminhamento dessas lutas, que estão sendo travadas a nível social. Uma terceira coisa que as pessoas precisam compreender também, é que é primeira vez que o PT tem chance de aparecer, nos meios de comunicação de massa. Porque 82 não serviu como parâmetro porque não apareciam os dirigentes falando, não apareciam os dirigentes debatendo. Aparecia a fotografia 3x4 do cidadão na televisão. Eu acho que na-

quela medida todos nós cometemos um equívoco. Nós fizemos uma propaganda meramente ideológica, sem levar em consideração o nível de compreensão da comunidade. Eu acho que dessa vez a coisa foi mais trabalhada; a coisa foi mais pensada e o Partido dos Trabalhadores sem perder seu conteúdo, sem perder a sua firmeza, sem deixar de mostrar suas propostas concretas para administração dos municípios, sem deixar de criticar a política nacional, com proposta também a nível nacional. O Partido dos Trabalhadores foi para televisão conversar só com o militante, não foi para conversar só com a vanguarda. O PT foi para conversar com a dona de casa, para conversar com o cidadão que às vezes estava querendo ver a novela e era obrigado a ver um programa de televisão, um programa de rádio. O nível de crescimento do partido dos trabalhadores se deu por todos esses motivos. Na verdade, nós vamos “estourar no norte” muito antes do que os cientistas políticos imaginam.

Aberto, mas com critérios

BN — Quem quiser vir para o PT pode vir ou há critérios que determinem a entrada de gente ou a volta de pessoas ao PT?

LULA — Primeiro eu acho que é importante dizer aos companheiros eleitores do Boletim Nacional que eu não sinto nenhum orgulho de receber notícias de companheiros saindo do PT. Eu gostaria que o PT dentro do possível ganhasse adeptos e não perdesse. Eu não vejo com alegria companheiros experimentados na luta que, às vezes por equívoco, às vezes até por fraqueza ideológica, deixa-

rem o partido, tomando posições às vezes muito ruins. Eu gostaria que todos os companheiros que tivessem divergência no partido amadurecessem um processo de discussão e continuassem no PT.

— Obviamente o PT é um partido aberto, um partido democrático, um partido que representa uma grande parcela da classe trabalhadora. É um partido que teoricamente está aberto para todo mundo. Mas é um partido que tem que tomar muito cuidado, tem que estabelecer critérios para as pessoas entrarem nele. Nós não poderemos ser um partido que, amanhã, um cara que foi candidato pelo PDS, entre nele como se nada tivesse acontecido. O cara que fez política durante 10, 20, 30 anos, que foi viciado, que participou de processos das mandragens políticas desse país, que participou de processos de corrupção, e de repente, queira entrar no PT de uma forma oportunística, apenas para ser candidato. Eu acho que nós temos alguns critérios que estabelecem uma linha de compreensão. Precisamos evitar a possibilidade do Partido dos Trabalhadores inchar, ao invés de crescer. Eu acho que a gente vai estar fazendo uma peneira, não para entrar no PT apenas os “puro sangue”, mas sim as pessoas que estejam comprometidas com a proposta de transformação da sociedade. Nós precisamos tomar muito cuidado, porque senão nós poderemos inchar, e poderemos ver acontecer com o PT o que acontece com outros partidos políticos. Se você pegar o PDT do Rio de Janeiro, ele tem um visual, em função do Brizola, em função do Saturnino Baga, em função do Jó Rezendes; se você pegar o PT do Rio Grande do Sul ele tem outro visual em função das ligações populares do próprio Colares. Mas se você pegar o PDT em outros Estados, você percebe que o PDT não tem critério, que entra nele gente do PDS, entra Julio Campos, entra quem quiser. O PT não pode se permitir, a se exterminar, enquanto proposta política de organização da classe trabalhadora, permitindo a entrada de pessoas que não têm nenhum compromisso com a classe trabalhadora, nem no passado, nem no presente. Nós temos que ter um certo controle porque se nós não levarmos a sério isso, o partido pode inchar. Veja a ganância do PMDB, para chegar ao poder. O MDB de 1966, MDB de 1970, MDB de 74, era um MDB muito mais comprometido com a luta dos trabalhadores pelo menos em discurso. Mas, à medida em que começou a ganhar, na medida que se transformou em PMDB, qualquer um poderia entrar. Não se importava que fosse do PDS, da Arena, que tivesse pertencido ao regime autoritário. A ganância do poder era tanta, que o partido pegou todo mundo. E o que aconteceu: Hoje o partido está vivendo as maiores contradições porque não consegue tornar lei nem aquilo que era projeto deles quando eram oposição ao regime militar. O Partido dos Trabalhadores precisa ter clareza, que a única forma de chegar ao poder e conseguir fazer uma política de atendimento da reivindicação da classe trabalhadora, é ele chegar ao poder sem compromisso com os políticos profissionais, sem compromisso com os latifundiários deste país.



TELEGRAMA
LUIZ INACIO LULA DA SILVA
DD. PRESIDENTE NACIONAL DO PT
RUA 11 DE JUNHO, 260 - VILA MARIANA
SAOPAULO/SP

QUEIRA ACITAR E TRANSMITIR SEUS COMPANHEIROS NOSSOS SINCEROS
CUMPRIMENTOS PELO MAGNIFICO DESEMPENHO PARTIDO DOS TRABALHADORES
RECENTES ELEICOES MUNICIPAIS. RESULTADOS DAS URNAS ATESTAM
INEQUIVOCAMENTE AVANCO DOS MOVIMENTOS POLITICOS REALMENTE
INTERESSADOS SOLUCAO GRAVES PROBLEMAS NACIONAIS TENHO EM VISTA
ACIMA DE TUDO OS INTERESSES DO POVO. ATENCIOSAMENTE
GOVERNADOR LEONEL BRIZOLA E DOUTEL DE ANDRADE
PRESIDENTE NACIONAL DO PDT

PARABENIZO-O PELA PERFORMANCE DO PT NAS ELEICOES DE 15 DE NOVEMBRO,
DEMONSTRANDO O RUAL CRESCIMENTO DO PARTIDO E FAZENDO PREVER QUE,
NO PACINHO PLATON, PODERA OBTER MELHORES RESULTADOS E INFLUENCIAR,
DECISIVAMENTE, NOS DESTINOS DESTA NACAO E TORNAR REALIDADE SEU
IDEARIO NA DEFESA DOS INTERESSES DOS TRABALHADORES BRASILEIROS.
CARLOS WILSON RUFINO PREFEITO MUNICIPAL DE MOJI GUACU SP

COMUNIDADE PALESTINA TODO BRASIL PARABENIZA GRANDE VITORIA
ELEICOES CRESCER ESPERANCA E CERTEZA DE
UM BRASIL DOS TRABALHADORES E DE
UM ESTADO PALESTINO NA PALESTINA
SAUDAÇÕES REVOLUCIONARIAS
FEDERACAO ENTIDADES ARABE-PALESTINO BRASILEIRA
HASSAN EL-ENLEH SECRETARIO GERAL

CUMPRIMENTAMOS EXCELENTE DESEMPENHO ELEITORAL PT A NIVEL
NACIONAL. PLANTA-SE AGORA EM SOLO FIRME E COM RAIZES PROFUNDAS
UMA ALTERNATIVA POPULAR E DEMOCRATICA CAPAZ DE CONDUIR AS
GRANDES TRANSFORMACOES SOCIAIS E ECONOMICAS ALMEJADAS PELO POVO
TRABALHADOR. OS DE BAIXO, COMPANHEIRO LULA, COMECAM A COMPREENDER
QUE E PRECISO ORGANIZAR-SE E LUTAR PARA ALCANCAR O PODER E CONSTRUIR
A SOCIEDADE SOCIALISTA.
MAX ALTMAN
JORNAL "A ESQUERDA"

FELICITACIONES POR EL AVANCE DEL PARTIDO DE LOS
TRABAJADORES
COMITE NACIONAL DEL PARTIDO DE LA LIBERACION

CONGRATULAMOSNOS POR IMPORTANTE AVANCE SU PARTIDO EN CASI TODO
EL PAIS. NO DUDAMOS ELLO SERA BASE PARA FUTURAS VICTORIAS.
FRATERNALMENTE
JORGE JENKINS
EMBAJADOR DE NICARAGUA

DENUNCIAMOS VOSSENCIA CLIMA CORRUPCAC PREDOMINOU ELEICAO
ELEM 15/NOVEMBRO VG FORAM CCNSTATADAS POR FISCAIS DE
TODOS OS PARTIDOS NO DECORRER DA ABERTURA DAS URNAS PARA
APURACAO QUE EM SUA MAIORIA PRINCIPALMENTE DISTRITO ICOAKACY
AS URNAS ESTAVAM COM LACRE ADULTERADOS ATEH COM FAFEL DE
EMBRULHO EM SUBSTITUICAO AO SELO CARACTERISTICO DE FECHAMENTO
APOS O ENCERRAMENTO DA VOTACAO PT FORAM IMPUGNADAS INUMERAS
URNAS DEVIDO A VOTACAO NAO COINCIDIR COM OS NUMEROS DE VOTAN-
TES ET MUITAS JA HAVIA DIFERENCA DE VOTANTES PARA O NUMERO
QUE CONSTAVAM NA ATA ATE 60 VOTOS VG COM URNAS COM QUASE
A TOTALIDADE DE SEUS VOTOS PARA O CANDIDATO OFICIAL DO PMDB
PT CEDULAS DE COR DIFERENTE UMAS BRANCAS ET OUTRAS CREMES
VG QUANDO A LEGISLACAO EXIGE SOMENTE UM PADRAO DE COR VG
CEDULAS COM TAMANHO DIFERENTES ISTO TUDO CONFIRMA CONFECAC
EM GRAFICAS NAO OFICIAL PELO GANHO DA CONCCRENCIA VG MAIORIA
CEDULAS VOTADAS CONSTAM SOMENTE ASSINATURA PRESIDENTE MESA
ET NAO DEMAIS MESARIOS PT CIENTIFICAMOS VOSSENCIA EXISTE
CLIMA REVOLTA POPULAR APOS IMPRENSA TER DIVULGADO DENUNCIAS
FEITAS TODOS CANDIDATOS PT FIM APURACAO GOVERNO ESTADUAL
CONVOCOU EXERCITO BRASILEIRO PARA SUESTITUIR POLICIA MILITAR
AFIM QUERER DAR IMPRESSAO SEGURANCA ET TRANQUILIDADE APURACOES
PT FISCAIS PARTIDOS FORAM COLOCADOS FORA RECINTO APURACAO
ET ADMOESTADOS JUSTICA QUANDO FAZIAM IMPUGNACOES ET EM VARIOS
CASOS FORAM AVISADOS QUE SUAS IMPUGNACOES NAO TINHAM VALOR
NAO CONSTANDO NAS ATAS DAS JUNTAS APURADORAS PT COMUNICAMOS
EM CONJUNTO TODOS OS PARTIDOS ESTAO REQUERENDO ANULACAO FLEITO
PARA QUE SE ESTABELECA O DIREITO DEMOCRATICO DE CADA CIDADAO
SER RESFEITADO POR SEU VOTO

JULIO VIVEIROS/CANDIDATO PDS
DIONISIO HAGE/CANDIDATO PFL
HUMBERTO CUNHA/CANDIDATO PT
ARMANDO SOARES/CANDIDATO PDT
MARIA LUCIA PENEDO/CANDIDATO FTE
AGOSTINHO LINHARES/CANDIDATO PMB

PARABENS PT ESTRELA GUIA DA DEMOCRACIA E JUSTICA SOCIAL
JUVENTUDE PALESTINA COMEMORA AVANCO NACIONAL
AVANTE COMPANHEIROS JUNTOS REVOLUCAO ATE VITORIA
FEDERACAO NACIONAL PALESTINA SANAUD
EMIR MOURAD PRESIDENTE

PT. SAUDAÇÕES

Boletim para todos

Araguiana (GO), 20 de novembro de 1985.

Companheiros:

Estou fazendo uma campanha do BOLETIM NACIONAL, mas nem sempre os companheiros estão com o dinheiro pronto e estou vendo ameaçada a minha luta de conseguir assinaturas para ajudar na divulgação do partido...

O BN vem dizendo que em breve quem não tiver assinado não vai poder receber, cá entre nós, eu acho que o BN deveria estar sempre de portas abertas... e deveria incentivar, cada vez mais, que se consigam assinaturas. Petistamente.

José Felix.

Ituêta (MG), 8 de novembro de 1985

Por meio desta gostaria de pedir maiores informações sobre o Partido dos Trabalhadores... por isso qualquer material impresso disponível será de grande utilidade.

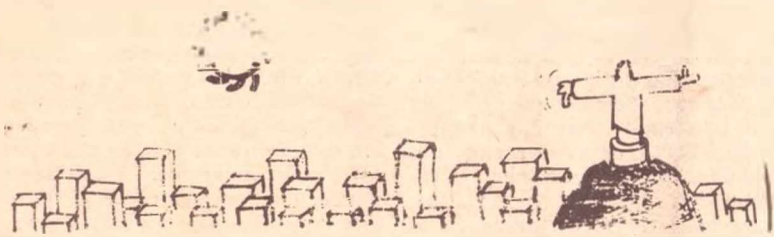
Queria saber também se eu posso receber o BOLETIM NACIONAL ou se preciso fazer uma assinatura. Caso seja necessário gostaria que me enviassem um cupom contendo o preço da assinatura. Antecipo agradecimentos.

Mônica Elícia Piepes.

O BN responde:

A Comissão Executiva decidiu que ninguém deixará de receber o BOLETIM NACIONAL só porque não pode pagar uma assinatura.

O que é diferente de dizer que o Boletim será enviado a todos sem nenhum critério (lembrando aqui que anteriormente recebemos reclamações de pessoas que estavam recebendo o Boletim sem desejá-lo, pois seus nomes constavam de listas enviadas por terceiros). As assinaturas são vitais para o Boletim pois a edição de 60 mil exemplares custou, em outubro, 20 milhões de cruzeiros. Assim, voltamos a salientar a importância dessas contribuições. Todos os companheiros devem fazer um esforço para pagar a assinatura, caso não possam devem fazer uma "vaquinha" com outros companheiros. Se nem isso for possível, não hesite em escrever para o BN explicando o caso e você será incluído na lista de remessas.



E o Rio de Janeiro, continua lindo?

Rio, 18 de novembro de 1985.

Gostaria que a Direção Nacional tomasse uma posição em relação ao Rio. Já está mais do que provado, com duas eleições, que no Rio está faltando liderança política, líder popular, carisma e que teorizar para o povo não está com nada.

A Constituinte está na porta, vocês têm que correr com providências práticas.

Mafalda Rezende

Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1985

... Depois das eleições, por favor, prestem atenção no Rio de Janeiro. Está uma calamidade pública. Os dirigentes cariocas esperam conseguir, de qualquer maneira, adaptar à realidade as idéias abstratas que têm de partido e revolução.

Um grande abraço,

Rosane Silva

“Devemos criar a ala jovem.”

Porto Alegre, 5 de novembro de 1985.

...O nosso partido, a nosso ver, deveria prioritariamente chamar a uma reunião todos os jovens amigos e filiados ao PT de todo o território nacional para a criação da JUVENTUDE do partido. Não somos contra a organização dos estudantes, mas, com a criação “ala jovem” haverá a possibilidade de intercâmbio em diversas áreas, entre a liderança jovem dos trabalhadores da cidade e do

campo e lideranças estudantis; e conseqüentemente maior capacidade de ação no movimento juvenil de massas.

O que não podemos é cair na irresponsabilidade histórica de deixar os jovens brasileiros entregues ao populismo, aos modismos da Rede Globo ou às seitas orientais dirigidas pela Cia. Por um PT de massas.

Dirceu Luiz Messias

O caso dos marcos alemães

Lula pede explicações e o ministro Setubal, da Frente Liberal, é obrigado a desmentir as acusações feitas por dirigentes da mesma Frente Liberal.

A carta de Lula:

São Paulo, 23 de setembro de 1985.

Senhor Ministro

O Partido dos Trabalhadores, por seu presidente, comparece, respeitosamente, à presença de Vossa Excelência, para expor e solicitar o que segue.

Pelo noticiário estampado nos jornais de maior circulação no País, com repercussões locais, a partir de 12 do corrente, a propósito da viagem de parlamentares e dirigentes do Partido da Frente Liberal à República Federal Alemã, começaram a surgir informações de que o Partido dos Trabalhadores, de forma indireta, recebia fundos daquele governo, o que é vedado pela lei brasileira (artigo 91-1 e 92, da lei 5.682, de 21 de julho de 1971).

Essas informações passadas por membros destacados do PFL à imprensa, não desmentidas com clareza, como era de se esperar de políticos conscientes de sua missão, estão a merecer completos e cabais esclarecimentos por parte do Governo da República Federal Alemã, pois, aqui chegaram por ignorância ou má fé, distorcidas, prejudicando o seu exato conhecimento, pela opinião pública brasileira, e, destarte, maculando sem razão plausível a imagem de um partido político que se tem feito respeitável, pelas suas posições no combate pela moralidade no trato da coisa pública.

Nessas condições, o Partido dos Trabalhadores solicita a Vossa Excelência que se digne de dirigir-se ao Governo da República Federal Alemã, dando conta do fato e pedindo esclarecimentos, os mais completos, sobre a questão aqui suscintamente narrada, apoiada nas cópias de noti-

cias e comentários da imprensa brasileira.

Confiante no alto espírito público do ilustre ministro, o Partido dos Trabalhadores aguarda uma ação urgente e imparcial de Vossa Excelência, para final esclarecimento do povo brasileiro, sobre fatos nada dignificantes para quem os falseou.

Com profundo respeito e mais alta consideração, subscreve-se o Partido dos Trabalhadores, por seu representante legal.

Luis Inácio Lula da Silva

A resposta de Setubal

Em 31 de outubro de 1985

Senhor presidente do Partido dos Trabalhadores

Acuso recebimento do expediente de 23 de setembro passado, em que Vossa Excelência referiu-se a notícias publicadas na imprensa brasileira sobre a transferência de fundos oficiais da República Federal da Alemanha para o Partido dos Trabalhadores, e solicitou que este Ministério se dirigisse ao governo daquele país para pedir esclarecimentos sobre a questão.

Em resposta, comunico que o Governo da República Federal da Alemanha, por intermédio da sua Embaixada em Brasília, informou, oficialmente, jamais haver concedido ajuda financeira a partidos ou sindicatos brasileiros.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mais distinta consideração.

Olavo Setubal

CUPOM DE ASSINATURA

Faça já sua assinatura, enviando um cheque juntamente com este cupom ao PARTIDO DOS TRABALHADORES — BOLETIM NACIONAL. O endereço é AV. 11 DE JUNHO, 260 — CEP 04041 — SÃO PAULO

QUERO SER ASSINANTE DO
BOLETIM NACIONAL

Nome _____

Rua _____

CEP _____ Cidade _____ Est. _____

anual — Cr\$ 12.000
bianaual — Cr\$ 20.000

Para facilitar nosso trabalho, anexe ao cupom a etiqueta de envio do Boletim.



Um gosto de revolução

Depoimentos dos médicos e enfermeiros
petistas que partiram para a Nicarágua.

Companheiros do PT vindos de diversas partes do país partiram há pouco mais de um ano rumo à Nicarágua, com a missão de trabalhar por um período mínimo de dois anos. Eram médicos e enfermeiros que atendiam a uma decisão do Partido e a solicitação do governo Sandinista (FSLN), que requisitava profissionais da área de saúde.

Passados 14 meses de trabalho em regiões como Esteli, Inigalpe, Siúna, Manágua... podemos nos orgulhar de nossos companheiros que se entregam à tarefa de consolidar a Revolução Sandinista numa área tão carente e prioritária, que é a saúde.

Da ida dos companheiros... Estávamos em setembro de 84.

Era nossa primeira **Brigada Profissional Internacional**. Durante semanas os militantes foram preparados com uma verdadeira enxurrada de informações da Nicarágua, seus planos na área de saúde, as duras condições de trabalho, a importância política para o PT. Essa Brigada Profissional, disse Lula, representava um salto de qualidade na solidariedade internacional do PT, somando-se às inúmeras atividades internas do partido.

Outubro de 84: "O perigo maior é se houver uma invasão armada pelos Estados Unidos e, se houver, creio que vocês já devem estar sabendo que nós decidimos ficar, pois entendemos que é nessa hora que os nicaraguenses mais vão precisar de nossos serviços médicos." Essa foi a primeira manifestação de nossos companheiros que rapidamente se integraram ao trabalho e à vida naquele país, que sofre a agressão direta do imperialismo, mas mantém-se firme na tarefa de consolidar a Revolução.

São os próprios brigadistas que nos escrevem contando suas experiências:

Juigalpa 15/10/84

"Estou vivendo num quarto de pensão. Trabalho duro das 7:00 às 18:00

horas e à noite me ponho a ler e a escrever, como estou fazendo agora... Realmente a situação aqui não está fácil. Eu não me espantei com a deficiência graças a boa preparação que obtivemos aí... A alimentação está de verdade escassa e insuficiente para todos, mas não me importo... Do Brasil só ouço a Radiobrás AM, com propaganda do Hiperacid, contra má digestão e azia... Seguimos em frente con el Frente. Beijos."

Siúna-Nica 19/3/85

"A coisa aqui tá naquele ritmo de ir no fundo do que se acredita. Começamos a trabalhar com as comunidades de Wani e Hormiguero. É um trabalho imenso que necessita ser feito em condições precárias; formação de conselhos populares de saúde, captação e treinamento de brigadistas de saúde da própria comunidade... tudo isso num clima de aprendizado constante pois nossa experiência não é muita e o estudo dos Planos de Saúde Nica tem que ser uma constante, coisa que é estimulante pois é incrível a gente trabalhar com apoio oficial e não contra o sistema como é o caso do Brasil... Chuta cachorro, afasta familiares e amigos, traz água com gelo, álcool... cadê o álcool? - Acho que está na central de Equipo doctor. Meia hora depois aparece o álcool como se fosse raridade. E estuda daqui, pesquisa dali, toma opinião dos outros médicos que a esta altura são três na convivência solidária, tanto na vida como nos pepinos e morte. E nada de baixar a temperatura. Quem baixa é toda a família, da casa pro hospital, afinal o Rubem tá com 41º de temperatura "y mui malo de salud"... É, hoje é sábado e saio do hospital meio que fugindo de toda a rotina e vou pruma festa no Joes Bar, promoção da Juventude Sandinista, coisa quente e de vanguarda... Amanhã, por exemplo, vou percorrer 17 quilôme-

tros que me separam de Hormiguero pra pesar e medir 350 barrigudinhos chavacos de 10 anos de idade... Dá gosto de ver aquela piaçada, de pé no chão, cara suja, cabelo duro, cara redonda que lembra um pouco o nortista, mas todos com seus pratinhos de arroz, feijão, ovo, sopa, fresco e salada, refeição de primeira, frente a realidade local. A gente sabe que esta é a melhor medida de saúde para um povo, ou seja, garantir comida, prevenir a enfermidade, no entanto é preciso uma prova correta de crescimentos, acompanhamento que mostre as diferenças entre os guris que participam do programa e a média geral de desnutrição... coisa bonita de ser transada, cansativa no seu dia-a-dia, às vezes sacal, pois tudo é muito primitivo, inovador, empaca na desorganização, falta de experiência dos próprios organismos de massa; mas fundamentalmente deixa a gente com aquele gostinho de revolução, transformação, sabendo que coisas como esta só acontecem onde se muda o poder realmente, onde o controle efetivo do Estado é exercido pelos trabalhadores camponeses que pertencem àquela comunidade... Queria muito estar aí, amanhã dia 20, na chegada do Daniel Ortega, nem que fosse pra estar um dia no Brasil e voltar para cá... Bem compas, fico por aqui, que tem 15 chavacos me esperando e uma reunião com auxiliares de saúde, que vão trabalhar nas comunidades... Deixo um forte abraço, na esperança de receber comunicação breve... Nos vemos."

Terras Nicas 19/10/85

"...a terra de Sandino está passando por uma de suas fases mais críticas, principalmente na área econômica... Sente-se cada vez mais o desgaste proporcionado pela guerra, o relativo cansaço de um povo que luta contra o gigante do norte, cada vez mais agressivo e louco. Os fartos milhões



de dólares aprovados para a contra-revolução interna e externa, converteram-se nos milhões de dólares de déficit no desenvolvimento nicaraguense. nas mortes de um povo humilde que luta por sua liberdade, no sofrimento das mães cujos filhos estão no SMP (Serviço Militar Patriótico) e na própria morte pois outro dia, perto de Molukuku, emboscaram um caminhão que levava várias mães a visitar seus filhos matando 8 delas e ferindo uma quantidade enorme de gente... E mais do que nunca sinto que a necessidade de sobrevivência desta terrinha pobre, significa a nossa sobrevivência enquanto América Latina independente e soberana. Sinto também que a luta pelo não pagamento da dívida externa, uma nova ordem econômica internacional e a formação de um bloco de devedores é fundamental para a nossa sobrevivência, libertação parcial e alteração do desequilíbrio e dependência em relação "aos do Norte", cujo capitalismo está morrendo e na agonia quem sofre mais somos nós... Estou terminando um documento acerca da região de Saiúna e Zelaya Norte, aspectos sócio-econômicos, e da área de saúde e mais especificamente. Logo que termine pretendo enviar uma cópia para vocês aí... servindo de orientação também para futuros companheiros que venham para cá... Deixo um forte abraço a todos..."

Carlos Antunes

Membro da Secretaria de Relações Internacionais



BOLETIM NACIONAL

Órgão informativo da Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores.
Avenida 11 de junho, 260 CEP 04041
São Paulo — SP

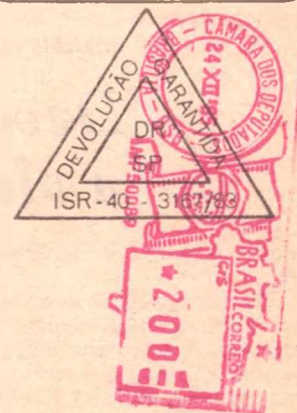
Nº 15 dezembro de 1985

Edição: Bernardo Kucinski / Diagramação: Beto Borges /
Redação: Marisa Lourenço, Oscar Fernando e Rubens Lemos / Revisão: Flávio Moreira Martins / Produção:
Mauro di Deus / Distribuição: Alberto dos Santos /
Composição, fotolito e impressão: Editora Joruês /
Tiragem: 60.000.

PORTE PAGO

ECT - DR/SP

ISR - 40 - 3159/83



0362673

LUIZ SERGIO G DA SILVA
RUA JOAQUIM TAVORA 1589
04015 SÃO PAULO SP